

# Oitos anos de confissões ao gravador

Ed Ferreira/AE

*Impressões, análises, confidências. Está tudo gravado pelo presidente Fernando Henrique*

**H**á oito anos, quase todas as noites, o presidente Fernando Henrique Cardoso faz solilóquios junto a um pequeno gravador. Repassa e registra o que de mais importante, ou interessante, lhe aconteceu na jornada finda. Trata-se de um diário eletrônico. Dezenas de fitas cassete registram as confissões presidenciais. As fitas foram digitalizadas e só uma pessoa tem acesso ao conteúdo, Danielle Ardaillon, que as está transcrevendo.

A idéia do diário lhe foi inculcada pela amiga Celina Vargas do Amaral Peixoto, criadora do CPDOC da Fundação Getúlio Vargas. “Quando eu fui eleito, ela me trouxe a cópia de uma página do diário do Getúlio, e um livrão em branco para eu também começar o meu”, ele conta. “Achei que ela tinha razão, mas a vida de um presidente hoje não é como nos tempos do Getúlio. É muito mais agitada e eu não teria tempo nem energia para escrever. O mais fácil era gravar.”

E o presidente conversou com seu gravador todos esses anos. Não todos os dias, mas a grande maioria deles. E, quando não gravava um dia, fazia referência à jornada anterior na gravação seguinte. “Eu chego em casa (no Alvorada), e a uma certa hora vou para o meu quarto, ou para a biblioteca, e gravo. É uma conversa solitária comigo mesmo. Faço as gravações com muita espontaneidade, digo o que estou sentindo. Não o faço com o propósito de escrever memórias. Nem sei se vai ser publicado, ou não. Sei que não o será enquanto eu estiver vivo.”

**Avaliação dos fatos** – Fernando Henrique nunca ouviu o que disse ao gravador, e tampouco o que Danielle já transcreveu. “Se eu olhar, vou querer modificar. São coisas que você diz no momento, você tem uma opinião naquele momento e, às vezes, você erra. Achei que era melhor deixar como matéria bruta. Os tapes serão úteis, por exemplo, pela espontaneidade com que os gravei. Você pode avaliar o que eu imaginava que ia acontecer e o que de fato



Sobre seu diário, o presidente antecipa: “É tudo muito franco. Mas não sou pessoa que tenha coisas ou revelações que assustem”

**“Não quero dar acesso a essas gravações porque tenho opiniões muito diretas sobre pessoas vivas, amigos meus. Enquanto estiver vivo, isso não virá a público”**

tante do real. Tradutore, traditore. Então, eu acho que esse material vai permitir análises interessantes. Até pelo tom de voz você poderá constatar também momentos de cansaço e irritação. Eu falo tudo abertamente. Por exemplo: ‘Eu hoje fui entrevistado por um chato’ (risos). Não é o caso. Mas eu posso também registrar: ‘A Ana (Tavares, assessora de imprensa do presidente) o tempo todo não me deixou falar’, ‘pediu café na hora imprópria’” (mais risos).

As gravações nem sempre são feitas no Alvorada. Nas viagens ao exterior, por exemplo, ele

faz questão de registrar o teor das conversas que teve com chefes de Estado e outras personalidades. E, quando o teor das gravações vierem a público, o presidente previne: “É tudo muito franco o que está dito lá. Mas eu não sou uma pessoa que tenha coisas ou revelações que assustem. São muito mais sentimentos, avaliações, e não alguma coisa de escândalo. Mesmo porque isso não existe. Mas eu gostaria de rever, por exemplo, qual teria sido minha reação com o caso Sivam e com o caso do Dossiê Cayman.”

**Gato angorá** – Sobre as conversas que teve, e que registra no gravador, o presidente usa de sua conhecida ironia: “Todo mundo que vem aqui vem como gato angorá e sai como leão. Então, essas gravações são úteis também para esclarecer a verdade. ‘Ah, eu falei isso e aquilo para o presidente!’ Falou nada. Eu até estava dizendo para o Lula que a figura presidencial, a instituição Presidência impõem um certo respeito, o que é necessário. Não é uma questão de temperamento. Então, essas bravatas que eu vejo na imprensa não ajudam, envenenam o ambiente.”

O presidente conclui: “Eu não quero dar acesso a essas gravações porque tenho opiniões muito diretas sobre pessoas vivas, amigos meus. Enquanto eu estiver vivo, isso não virá a público.” (M.C.J.)

aconteceu. Vai ser possível comparar o que eu queria e o que resultou; onde eu errei; a minha avaliação dos fatos...”

Nesses solilóquios, o presi-

dente também se refere aos mal-entendidos que a imprensa ajudou a criar sobre seu governo. Diz que lê, com frequência, coisas inventa-

das a seu respeito, que não têm nada a ver com o que pensa. “A pessoa vem, fala comigo e passa adiante a sua visão. Aí o jornalista acres-

centa um pouquinho a visão dele. O conhecimento que o público tem, sobretudo sobre o pensamento e o sentimento do presidente, é muito dis-